

RIGOR SEM ÓRGÃOS

Restos e existências
e resistências

◆ série educação matemática ◆

Coordenação

Celi Espasandin Lopes – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Conselho Editorial

Arlete de Jesus Brito – Departamento de Educação, Unesp/Rio Claro

Dione Lucchesi de Carvalho – Faculdade de Educação, Unicamp

Rosana Giaretta Sguerra Miskulin – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp/Rio Claro

Vinício de Macedo Santos – Faculdade de Educação, USP

DANILO OLÍMPIO GOMES

RIGOR SEM ÓRGÃOS
Restos e existências
e resistências

VOLUME 20

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Danilo Olímpio

Rigor sem órgãos : restos e existências e resistências : volume
20 / Danilo Olímpio Gomes. – 1. ed. – Campinas, SP :
Mercado de Letras, 2022. (*Série Educação Matemática*)

ISBN 978-85-7591-664-3

1. Matemática – Estudo e ensino I. Título. II Série.

22-135992

CDD-510.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Matemática : Estudo e ensino 510.7

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação originais: Leda Maria de Souza Freitas Farah
Vera Bonilha
revisão editorial: Editora Mercado de Letras
revisão final do autor
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Muitos passaram e agregaram, permitindo escritas e devires. Já não sou um: torno-me vários

*Agradeço aos meus pais, familiares e amigos, todo o incentivo. Sobretudo, sou imensamente grato ao professor Roger Miarka, por estar junto desde o início da composição destas linhas e pelo constante estímulo à criação de escapes. Agradeço a todos aqueles que atravessaram o texto e contribuíram sobremaneira, em especial à professora Margareth Rotondo e aos professores Carlos Vianna, Henrique Lazari e Filipe Fernandes, bem como à multiplicidade do Coletivo Cronopi*s, especialmente Diego Gondim. Agradeço à Aline todo amor e companheirismo, assim como a leitura atenta e as primeiras correções ortográficas. Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, oferecido pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro, todo o apoio para a publicação desta obra.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
<i>Carlos Roberto Vianna</i>	
PRÓLOGO.....	15
I. DA INQUIETAÇÃO À BUSCA POR UMA POÉTICA DO/NO RIGOR.....	21
II. QUEM ESTÁ A(QU)I?.....	71
III. ESPASMOS OU CONTRAÇÕES (IN)VOLUNTÁRIAS DE UM CORPO-TEXTO SEM ÓRGÃOS?.....	81
IV. NARRATIVAS DE UMA EMBARCAÇÃO.....	107
V. SEDIMENTAÇÕES E CIRCULARIDADES.....	193
VI. TRANSMUTAÇÕES.....	207
VII. E, DE REPENTE, UM ROUBO:.....	213
VIII. RIGOR SEM ÓRGÃOS.....	219
EPÍLOGO.....	221
SEQUESTROS, ROUBOS E ANTROPOFAGIA.....	227

O perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever.

Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, 2015

Experimentar o fora é, pois, fazer-se um errante, um exilado que se deixa levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir.

Tatiana S. Levy, *A Experiência do Fora: Blanchot*,

Foucault e Deleuze, 2011

PREFÁCIO

É sempre uma honra ser convidado a escrever um prefácio, mas é preciso todo um cuidado, pois em uma das poucas vezes que trabalhei como editor fiz o convite para uma pessoa escrever um prefácio e ganhei uma bronca do autor, que não gostou do escrito! Mas a pior de todas as avaliações é feita pelos leitores: pulam o prefácio!

Sobre o que fala o livro? Rigor. Está no título. O livro é uma adaptação de uma tese de doutorado em educação matemática. A perspectiva, portanto, é que o rigor seja visto sob os olhares da matemática? Mas, o que será que tem a ver órgãos com rigor? Ah, acho que será necessário ler o livro!

Vou evocar um autor – Artaud – e convidar o candidato a leitor a se imaginar em um palco de teatro. Não em uma plateia, mas em um palco. Nesse exercício de imaginação vamos tentar ser cruéis, cruéis filosoficamente, cruéis em pensamento: isso é o que significa o rigor! O rigor é uma decisão implacável, uma determinação irreversível e absoluta. Em cena vamos falar sobre a criação, sobre as nossas vidas, e vamos tentar mostrar para uma plateia arredia que essa nossa vida só se define por uma

espécie de rigor, uma crueldade básica que leva as coisas a um fim inexorável.

A crueldade aqui tem o sentido de apetite pela vida, de rigor cósmico e da necessidade implacável de devorar as trevas, necessidade inegociável de lutar pela vida em comum; embora o bem seja desejado e seja o resultado de um ato frente ao mal que é permanente... Em cena poderemos afirmar princípios rigorosos, inesperados e até terríveis, mas, em lugar de justificar estes princípios, passamos ao diálogo seguinte. Ah, o espectador, ah... o leitor!

O que vale é que nada me impeça de fazer o que quero fazer e de fazê-lo rigorosamente.* Se a crueldade não é acrescentada a nosso pensamento, podemos dizer que ela sempre viveu nele, sempre fez parte do que somos. Essa é a crueldade no sentido cósmico de rigor!

Essa encenação deveria ficar restrita aos objetos e aos acessórios indispensáveis, sendo a arquitetura do cenário definida pela *qualidade de luz*. Além disso, as vozes e o grau das entonações constituem também um elemento concreto com a mesma importância do cenário e das luzes. E, além disso, há movimentos, gestos, atitudes, regrados com o mesmo rigor que os movimentos de um balé... Esse é o rigor presente aqui, relacionado à busca de todas as ordens de expressão possíveis sobre uma cena... e esse conjunto articulado pode ser pensado como uma cena em um teatro. Mas, para além dos rigores, há o trabalho de tentar libertar o corpo de tudo aquilo que o aprisiona e o impede de criar sua autonomia... Possuir um corpo do qual não houvesse órgãos daria condições ao ator de atuar pleno no

* Disse Artaud (1999, p. 137): “farei aquilo com que sonhei, ou não farei nada”.

Teatro da Crueldade de Artaud; e assim, se pudéssemos ao menos nos imaginar nesse mundo em que estamos mergulhados, como seria diferente em tudo o que podemos pensar, se ele não tivesse os seus órgãos que regulamentam tudo e todos?

Eis que o rigor sem órgãos está em nossas mãos. Vamos a ele!

Carlos Roberto Vianna
Departamento de Matemática
Universidade Federal do Paraná

PRÓLOGO

FIGURA 1 – *Cena de Canibalismo* (Bry 1592)



Fonte: <https://lume-re-demonstracao.ufrgs.br/imagens-para-pensar-o-outro/1-recursos.html>.

O homem de barba e cabelos ruivos, Hans Staden, deixou relatos acerca de suas expedições em terras desconhecidas, as quais lhe mostraram novidades jamais vistas em sua bela Alemanha. Escreveu um livro em 1557 que, em tradução ao português do Brasil, foi designado por *Viagem ao Brasil*¹ – título muito menor que o original, o qual comportava nada menos do que 60 palavras.²

Nessa obra há várias gravuras desse novo mundo descoberto, aparentemente compostas pelo próprio autor. Mas a gravura que o contém não está na referida obra nem mesmo foi elaborada por suas mãos: foi composta por um ourives e editor chamado Theodor de Bry, quase 40 anos após as enunciações vivenciadas pelo contemporâneo. Uma cena baseada na cena descrita por outro, que vivenciou uma experiência em uma cena composta por vivências com outros seres humanos, os quais, claramente, tinham costumes outros, diferentes daqueles habitualmente vivenciados por Staden: comiam a carne de outros seres de mesma espécie. *Canibalismo*.

* * *

-
1. Segundo Plaas Neto (2008, p. 3), a única tradução direta do texto original ao português é de 1930, feita por Alberto Löfgren e Theodoro Sampaio. Entretanto, a primeira tradução para o português foi feita por Tristão de Alencar Araripe, em 1892, a partir de um texto em francês. Essa tradução “é praticamente ignorada, pois [...] peca por ser ‘errônea e carente de notas’” (Staden 1988, p. 23, mencionado por Plaas Neto 2008, p. 3).
 2. “*História verídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão*”.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropólogo (Andrade 1972[1976]). Um ritual composto a partir de uma certa relação com a alteridade: é preciso selecionar meus outros em função da potência vital que sua proximidade intensifica. Afeto e sou afetado por esses outros, a ponto de absorvê-los em meu corpo,³ para que partículas de sua virtude se integrem à química da alma e promovam seu refinamento (Rolnik 1998).

Existiria um pensamento capaz de nos levar a uma ideia totalizante e estruturante de mundo? Mesmo se elevássemos nosso pensamento a um fora potencial, somente uma entidade semelhante a algum deus seria o resultado desse movimento analítico transcendente. Mesmo se utilizássemos todas as caixas de ferramentas unidas nos templos mais profundos da hermenêutica, ainda assim, correríamos o risco de percorrer densa névoa.

É que, quando tentamos compreender e interpretar, facilmente podemos ser capturados pelos braços invisíveis da identidade, os quais designam uma referência àquilo sobre que se pretende lançar luz e, desta forma, materializa-se um freio no infinito – este que se mostra como movimento frenético daquilo que simplesmente acontece, imanente ao próprio acontecimento. É como se, a cada compreensão que afirmássemos, tirássemos

3. Concordamos com Amaris-Ruidiaz (2018, p. 35), que, ao parafrasear Nietzsche, diz que *“un corpo puede ser definido como una relación entre fuerzas’ como el fenómeno de una fuerza ser afectada por otra. El ser afectado no se traduce en un instante pasivo de determinada fuerza, sino que revela su sensibilidad al poder de la otra fuerza”*.

uma fotografia com nossa *Polaroid* e ficássemos a contemplar o *pause* que demos naquilo que olhávamos. A coisa continua a movimentar-se, e a foto passa a ser somente um registro de um momento de olhada e nada mais que isso. Perde-se todo o resto enquanto se debruça a entender a fotografia – velocidade instantânea obtida através de uma derivada do espaço em função do tempo. *Instante*. Um freio que ocorre somente para aquele que pensa que interpretou. O mundo continua mundo, em toda a sua complexidade, em toda a sua mutagênese errante – que persiste.

A impossibilidade de compreensão e interpretação parece ser, então, uma espécie de constante àqueles que empenham esforços na direção de capturar limites de existências a partir de *derivadas*. Sendo assim, ao invés de tentarmos tecer compreensões e interpretações por meio de capturas instantâneas, pretendemos lançar nosso *corpo junto com* o investigado, para que passemos a compor, inspirados em Corazza e Tadeu (2003), também, aquilo que chamam de objeto de pesquisa ou de pesquisa. Tudo isso para que seja possível operar por *diferenciais*, as quais podem possibilitar que diferenciemos *diferenças* no mais próximo com que suas velocidades se apresentem. Uma composição na qual as linhas da pauta vão sendo (in)(es)(circuns)critas conforme se toca o instrumento e as modulações vão acontecendo. As notas, por sua vez, vão ecoando à medida que os dedos atingem os trastes, pressionam e arranham as cordas, seguram a pena e lançam as colcheias e semifusas no pentagrama infinito.

* * *

A disciplina de Análise Real, como é comumente designada, está presente em ementas de muitos cursos de

licenciatura em Matemática⁴ no Brasil e é comum ouvirmos, em muitos lugares, que ela é formal e rigorosa por tradição, que sempre foi assim e é assim que deve ser. Nunca havia me incomodado com isso – afinal, nossos ouvidos acostumam-se quando se ouve falar sempre a mesma coisa acerca de algo, ainda mais quando essa é a única coisa que se ouve. Aquilo passa a ser a nossa *referência*, o que nos faz reconhecer aquilo como sendo aquilo que é. Mas algo passou a incomodar: que rigor é esse? Que *pode* esse rigor? Que linhas podem ser *narradas* acerca de sua *problematização*? Que *corpos* produz? O que lhe *escapa*? O que *resta*?

4. Optamos por grafar com letra inicial maiúscula por estarmos nos referindo à área do conhecimento denominada e institucionalizada atualmente por Matemática. Quando estivermos num outro contexto, utilizaremos inicial minúscula. Essa posição também será adotada para nomes de disciplinas, para outras áreas do conhecimento e para níveis de ensino. Ressaltamos que essa opção não se aplica a citações, as quais seguirão a escolha ortográfica das autoras e dos autores.